

«Brilhante! Um livro essencial e inesquecível
que todos, jovens ou adultos, deveriam ler!»

The Guardian

O RAPAZ QUE CONTAVA HISTÓRIAS

Nomeado
em 2017 para:
Carnegie Medal
Guardian Children's
Fiction Prize

TOP
SEL
LER

#Bliss

ZANA FRAILLON

Prefácio

Subhi e a família são refugiados. Foram obrigados a fugir da sua terra natal, onde eram constantemente perseguidos e alvo de perigos iminentes.

Quando finalmente chegaram a um país mais seguro, foram conduzidos, sob escolta e proteção, a um centro de detenção, onde passaram a viver. O centro está localizado numa zona isolada do país, longe das pessoas e das cidades.

A família de Subhi, como outras famílias de refugiados, tem de viver no centro de detenção até que o governo se manifeste sobre os seus direitos e decida onde eles devem morar.

Subhi nasceu no centro de detenção. O centro é o único lugar do mundo que conhece.

Subhi tem apenas nove anos.

E esta é a sua história!

*Para aqueles que se recusam a deixar-se cegar pelo brilho ofuscante
ou ensurdecer pelo burburinho; para os que são suficientemente corajosos
para questionar e suficientemente curiosos para explorar.
Para aqueles que não se esquecem. Vocês fazem a diferença.
Quanto ao resto de nós, só podemos aprender convosco.*

A lâmina atarefou-se sobre o osso. A retorcer, a curvar e a alisar. E quando o pássaro surgiu, conhecedor e robusto, a mão colocou uma moeda nas profundezas do seu corpo. «Que nos tragas eternamente boa fortuna e proteção e que possas levar contigo as nossas almas a caminho da liberdade.»

1

Às vezes, à noite, a terra lá fora transforma-se num lindo oceano. Um oceano tão vermelho como o sol e tão profundo como o céu.

Fico deitado na minha cama, com os pés da Queeny encostados à minha cara, e ouço as ondas baterem na tenda. A Queeny diz que sou estúpido por dizer este tipo de coisas. Mas é verdade. Ela é que não consegue ver, mais nada. A nossa mãe diz que há algumas pessoas no mundo que conseguem ver todos os fragmentos escondidos do universo soprados pelo vento do norte e espalhados por entre as sombras. A Queeny nunca se esforça por olhar para as sombras, nem sequer é capaz de franzir os olhos.

Mas a minha mãe vê. Ela também consegue ouvir o oceano.

— Consegues ver, mamã? — murmuro, tateando o seu sorriso na escuridão.

De manhã, com o chão ainda molhado e cheio de espuma nos locais onde as ondas se quebraram, sento-me e descubro as centenas de animais que a água trouxe até à tenda, com



as caras encostadas contra as lonas, a tentarem ver-nos nas nossas camas. A Queeny diz que não são camas de verdade, apenas camas de acampamento velhas do exército e cobertores ainda mais velhos. A Queeny diz que uma cama de verdade tem molas, almofadas e penas e que os cobertores verdadeiros não picam.

Acho que aqueles animais não sabem ver a diferença, nem se preocupam muito com essas coisas.

Hoje de manhã encontrei uma concha que veio na água juntamente com os animais. Inspirei profundamente o seu aroma. Tinha um cheiro quente, salgado e a peixe, exatamente como o fundo do mar. E apesar de a Queeny não acreditar em mim e de ter resmungado enquanto me perguntava quando é que eu ia crescer para, por favor, deixar de a chatear o tempo todo, deu-me o último pedaço de papel que tinha e emprestou-me a caneta para poder escrever a preto as palavras no cimo da página. *O Mar da Noite e as Suas Criaturas*. Fiz o melhor desenho que fui capaz, considerando que não tinha cores e que o pedaço de papel estava enrugado com a humidade. Ficar com a caneta e o papel da Queeny só me custou o meu sabonete, mas ainda hei de o recuperar. As irmãs não deviam cobrar papel aos irmãos.

Enrosquei-me à minha mãe, com as pernas emaranhadas nas dela — mas com cuidado para não a acordar, porque hoje é um dos seus dias de estar cansada. Depois vi todos os desenhos da minha caixa. Vou ter de arranjar uma caixa nova em breve. Os ratos já comeram a maior parte de um dos lados, e o que resta está húmido e bolorento, mesmo depois de a ter deixado ao sol a secar. Há alguns desenhos no fundo da caixa que têm legendas com a letra da minha mãe, porque na altura eu ainda não sabia escrever. Gosto mais da letra da minha mãe.

Quando ela escreve, parece que as palavras aparecem no papel já muito perfeitas. Passo os dedos por cima das letras dela, inspirando-as, como fiz com a concha.

Amanhã, quando a minha mãe estiver melhor, vou mostrar-lhe o meu desenho novo e a concha; depois falo-lhe novamente sobre o Mar da Noite e os tesouros que traz. Vou contar-lhe todos os pormenores, ouvi-la rir e vê-la sorrir.

Quando desemaranho as minhas pernas e murmuro que está quase na hora do pequeno-almoço, se não quer vir comer, vejo-a abrir ligeiramente os olhos e um sorriso começa a surgir-lhe nos lábios.

— Só mais bocadinho, sim? — diz, no inglês quebrado que nunca soa muito bem. — Não tenho muita fome, Subhi, amor.

A minha mãe nunca tem muita fome. A última vez que ela comeu uma refeição inteira, em vez de andar a debicar a comida, eu tinha 19 losangos de vedação de altura. Lembro-me disto porque foi no aniversário da Queeny e a mãe mede-nos sempre nos nossos aniversários. Agora já devo ter pelo menos 21 ou 22, ou talvez até 22,5 losangos de altura. Há muito empo que não me meço.

A minha mãe nunca tem muita fome, mas eu ando sempre esfomeado. O Eli acha que devo estar a passar por uma fase de crescimento. O Eli vive na Tenda Familiar Quatro com outras famílias, porque a família dele não está cá. Ele e eu costumávamos estar na mesma tenda, na Tenda Familiar Três, mas depois os Uniformes fizeram-no mudar. Eles às vezes fazem isso. Só que agora há 47 pessoas na Tenda Quatro e 42 na Tenda Três, por isso não entendo porque é que o obrigaram a mudar-se. E também não importa que o Eli seja mais velho do que eu, até mais do que a Queeny, porque ele é o meu melhor amigo e contamos um ao outro tudo o que existe



para contar. O Eli diz que somos mais do que amigos, somos irmãos.

O Eli deve ter razão quanto à fase de crescimento, porque hoje depois de termos almoçado continuei com fome, apesar de me terem dado uma grande concha extra de comida.

— Precisas de ser forte para cuidar da tua mãe, sim? — recomendou o homem que nos serviu o almoço. Assenti com a cabeça porque queria a concha extra de comida, mas não sei porque é que ele disse que eu precisava de cuidar da minha mãe.

O Eli inclinou-se para mim e declarou:

— Se queres ser forte, a última coisa que devias fazer era comer esta comida. — Mas a minha boca já salivava só de olhar para a tigela. Há quatro dias que há escassez de alimentos e só recebemos meias conchas de comida, por isso não ia deixar de maneira nenhuma que o Eli me desencorajasse de comer.

Quando terminei, olhei para a mesa comprida cheia de gente debruçada sobre as tigelas, depois olhei para os que comiam encostados às paredes, mas nenhum deles parecia disposto a prescindir da comida, nem mesmo depois de alguém tirar da boca o que parecia um pedaço de plástico. Limitavam-se a levar as colheradas à boca com um pouco mais de cuidado.

A minha mãe disse-me para nunca olhar com demasiada atenção para a comida e sempre que encontrar moscas ou minhocas, que posso considerar-me um sortudo, porque sempre me dão mais proteína. Um dia até encontrei um dente humano no meu arroz.

— Olha mãe, isto também é bom? — perguntei. A minha mãe olhou para o dente e respondeu:

— Se estiveres a precisar de um dente, é. — Riu-se desta sua piada durante muito tempo. Durante mais tempo do que a piada merecia, se querem saber a minha opinião.

O Eli vê-me a olhar e desliza a sua tigela ainda meio cheia na minha direção.

— És um miúdo doido. Nenhuma pessoa normal ia querer comer mais desta porcaria. — Falou demasiado alto e os Uniformes que vigiavam deram um passo em frente, com as mãos nos cassetetes, para o caso de não sabermos o que acontece se causarmos alguma comoção na Tenda de Refeições.

— Mas hoje estamos com sorte, Subh, porque a comida só passou de validade há 12 dias. — O Eli aponta para as tinas vazias que estão na cozinha e fala ainda mais alto. A comida que tenho no estômago começa a agitar-se enquanto observo os Uniformes a olharem um para o outro, à espera de um sinal de que o Eli já foi longe demais.

— Então, qual é o teu palpite? — pergunto.

O Eli deve ter ouvido o tremor ligeiro da minha voz, porque parou de fitar os Uniformes e em vez disso virou-se para mim.

— Cão — murmurou. — Definitivamente cão.

É um jogo que o Eli me ensinou a jogar. Chama-se «Adivinha o Que é a Comida». A maior parte da comida que ingerimos vem numa papa acastanhada e é virtualmente impossível adivinhar o que a compõe. Nada se assemelha minimamente à comida que se vê nas revistas que às vezes aparecem na Sala de Atividades.

Engulo a última colher da tigela do Eli e fecho os olhos.

— *Ná*. É frango coberto com molho de chocolate e um fio de mel. Os cães não vêm em tinas com prazos de validade.

O Eli começa a rir-se à gargalhada e ao bater com a mão na mesa faz a tigela cair no chão. Com o barulho do metal, toda a gente fica em silêncio. Não há a menor dúvida do que os Uniformes vão fazer agora e eu e o Eli desatamos a correr, saltamos por cima dos bancos e passamos pela fila de pessoas que



aguardam na rua. Ainda estamos a rir como uns desalmados, apesar de respirarmos com dificuldade, a e sinto que se não parar de correr em breve vou acabar por vomitar o almoço, o que só fará com que fique esfomeado outra vez.

Quando estamos suficientemente longe para os Uniformes virem atrás de nós, tiro a concha do bolso e mostro-a ao Eli. Ele é a única pessoa a quem mostro todos os meus tesouros.

— O meu pai mandou-me outro — anuncio.

O Eli olha para mim com uma sobrancelha erguida. Acho que ele não acredita nem um pouco que é o meu pai quem me envia estes tesouros enquanto toda a gente dorme. Mas se há alguém que seria capaz de descobrir como murmurar ao Mar da Noite para enviar uma mensagem ao filho que nunca conheceu, essa pessoa seria o meu pai.

— O teu pai precisa mesmo de melhorar as mensagens que te envia, porque até agora nenhum de nós conseguiu perceber uma única palavra do que está a tentar dizer — diz o Eli. A seguir dá uma palmada na mordidela de mosquito que tem na perna, vermelha e cheia de pus. Só de olhar imagino as dores que aquilo não lhe deve provocar.

Ele tem uma certa razão. Mas há cinco estações que o meu Mar da Noite me traz presentes e o primeiro tesouro que encontrei fez a minha mãe sorrir mais do que nunca, sorriso que lhe ficou colado aos lábios durante o resto do dia. Segurou o tesouro contra o peito e disse o nome do meu pai. Nem mo queria devolver, até que tive de lhe dizer que já estava com ele há demasiado tempo e que não era justo. O tesouro era uma estátua pequena de um cavaleiro. Mas há outros. Um carrinho pequeno azul com portas que abrem de verdade, uma velha moeda verde rodeada de preto, uma estrela que caiu do espaço, uma caneta que não escreve mas que é muito pesada e forte

e um desenho a preto de milhares de pássaros a voarem livremente pelo céu. Todos estes tesouros apareceram aqui trazidos por uma maré que mais ninguém vê, só eu.

Entrego a concha ao Eli e ele sorri, virando-a de um lado para o outro na mão.

— É bonita — diz. Depois senta-se no chão e encosta a concha ao ouvido, tão perto e com tanta força, que já vejo as marcas que lhe deixa no rosto e na bochecha vermelha.

— Estás a ouvir o barulho do mar? — pergunto.

— Estou a ouvir as histórias do mar. Queres que te conte o que ouço?

E agora estão pelo menos mais dez miúdos, reunidos aqui à volta, a ouvir as histórias do Eli.

— Há muito, muito tempo, quando o mundo inteiro era um imenso oceano, havia uma baleia. Era a maior e mais grandiosa baleia do oceano. Era tão velha como o universo e tão grande como este país inteiro. A baleia vinha à superfície do mar todas as noites e cantava uma canção à lua. Numa certa noite...

E ficámos ali todos sentados, com as histórias do Eli a entrarem-nos tão profundamente no cérebro, que jamais de lá saíram.

Mais tarde, deixei a Queeny escutar a minha concha.

— Queres que ouça o quê? — perguntou, com uma expressão completamente entediada com a história que lhe contava.

— A única coisa que consigo ouvir é o ar a passar de um lado para o outro.

— Isso é o som do mar — expliquei.

Ela limitou-se a fitar-me.

— *Pfff*. O som do mar não é nem um pouco parecido com isso.



Quando mostrei a concha à minha mãe, ela também a escutou. Ficou a ouvir durante muito tempo e a dor que tem nos olhos tornou-se maior e mais profunda do que nunca. Não disse nada, mas percebi pelo seu rosto que ouvia alguma coisa.

— Depois, amor? — pediu com uma voz baixa e suave, como se até pensar fosse demasiado difícil para si. Agora fala quase sempre assim.

Escondo a concha, juntamente com todos os tesouros que o Mar da Noite me trouxe, por baixo das calças e da camisa suplente que a minha mãe tem, onde mais ninguém vai procurar. Mas mesmo antes de os guardar, encosto a concha ao ouvido e ouço mais uma vez, com muita atenção. Tenho quase a certeza de que consigo ouvir o meu pai a murmurar lá dentro. A chamar por mim. A dizer-me que está a caminho. A dizer-me que já não falta muito, porque já se passaram nove anos inteiros e isso é muito tempo para se esperar que um pai chegue. *Um dia*, murmura. E o som deste murmúrio é mais brilhante do que mil estrelas a nascer.

Mas não conto a ninguém que o ouvi. Nem mesmo ao Eli.

2

Assim que acordo, percebo que o dia de hoje vai ser a matar. O ar já está pesado e é difícil respirar. Vai ser um daqueles dias em que o sol nos queima lá de cima do céu e não há muito que se possa fazer para refrescar um pouco.

Sinto a sede a começar a formar-se e a língua a ficar grossa e seca. Os Uniformes disseram-nos que as provisões só chegam amanhã e saber que já só tenho uma garrafa de água, mais vazia do que cheia, deixa-me ainda com mais sede. Olho para o bolor que ganha formas ao lado da minha cama e tento não pensar no calor. Consigo ver a silhueta de um cão com orelhas afiadas e presas aguçadas, um camião e, se franzir os olhos um bocadinho, vejo ao lado da cama da minha mãe um bando de pássaros.

A Queeny já está rabugenta, de pé junto da ventoinha enquanto coça a alergia da perna e resmunga por causa do calor. Só que ninguém pode fazer nada em relação a isto e o facto de se queixar tanto não faz a temperatura descer. Acho que ninguém gosta de calor porque pouco tempo depois já toda a tenda resmunga e tenta colocar-se em frente à ventoinha.



Detesto dias assim. Os dias que começam assim só vão piorando.

Estes dias fazem com que a minha pele fique empolada e toda a gente ande demasiado irritada a discutir alto e com brusquidão. Agora sinto mesmo a pele a formar bolhas, por isso começo a fazer contas de cabeça, a deixar os números passearem no meu pensamento, como quando a minha mãe me costumava cantar canções *tarana* para afastar os pesadelos. Continuo a fazer contas de somar até os números serem tão grandes e o meu cérebro estar tão ocupado a fazer bem as somas, que o resto do mundo parece ficar um pouco mais calmo. Só um pouco.

Depois a Queeny aproxima-se e dá-me um empurrão com os dedos dos pés.

— Chega-te para lá, Cara de Cu. — E tudo volta a ser ainda mais irritadiço, brusco e sonoro do que já era.

Antes que comece uma briga que não quero começar, as minhas pernas mexem-se e já saí da tenda para a minha irmã não me deixar ainda mais irritado. Pelo menos aqui fora, ao calor, posso ficar longe da Queeny e do resto das resmunguices.

Ainda está na hora do pequeno-almoço, mas o sol já parece enfurecido. O arame farpado do cimo das vedações envia pequenas fagulhas de luz na direção dos meus olhos, por isso não posso olhar para lado nenhum sem ficar ofuscado e começo a sentir a irritação a invadir-me também, não importa se estreito os olhos ou somo números astronómicos na minha cabeça.

Quando ouço a buzina já vou no 1289. É a buzina do Harvey, porque mais ninguém buzina desta forma.

— A Queeny já está a queixar-se, não é, miúdo? — pergunta ele, através da vedação. E apesar de o sol estar demasiado

brilhante para conseguir ver como deve ser, ouço o sorriso na voz dele a trespassar os raios de sol. E é o que basta para a irritação sair da minha cabeça em direção ao céu. Sinto-me como se nunca a tivesse tido.

O Harvey é um dos Uniformes. A maior parte deles não se preocupa connosco, as crianças do Limbo, a não ser quando têm de nos revistar com os detetores de metal ou de nos afastar para sairmos do caminho deles. Mas o Harvey não é assim. Todos os miúdos gostam dele. Alguns dos outros Uniformes também são simpáticos, mas nenhum é como o Harvey. O problema é que os mais simpáticos também não costumam ficar aqui durante muito tempo. O Harvey é a exceção, porque está cá há mais tempo do que eu.

A primeira coisa que o Harvey faz quando chegam miúdos novos é decorar os seus nomes, para poder falar com eles de verdade, usando os nomes em vez dos números que nos dão. A maior parte das pessoas tem a Identificação de Passageiro como número. A minha mãe, por exemplo, é a NAP-24 e a Queeny é a NAP-23. Mas como eu já nasci aqui, tenho um número diferente. DAR-1: sou eu. Fui o primeiro bebé a nascer aqui. Mas o Harvey não usa estes números, nem quando é suposto usá-los.

Normalmente o Harvey só começa a trabalhar à hora de almoço, mas hoje chegou mais cedo. Diz-me para esperar para ver qualquer coisa que trouxe e que tem a certeza de que vou gostar. Já sei o que é, porque ele traz sempre a mesma coisa quando faz assim tanto calor.

É uma piscina de plástico. É pequena e redonda, com a forma de uma concha gigante e dá-lhe sempre muito trabalho conseguir passar com ela pela vedação e pelos portões. Enquanto se debate com os cadeados todos, com a piscina e com o saco que



traz, os outros Uniformes riem-se dele e agitam as chaves que trazem penduradas em fios, mas nenhum deles levanta um dedo para o ajudar a abrir os cadeados e Harvey conseguir entrar mais rapidamente.

— Vocês não valem a ponta de um corno — digo-lhes. Só não o digo suficientemente alto para nenhum deles ouvir. O Eli diz, muitas vezes. Só que ele aproxima-se das pessoas em questão e certifica-se de que ouvem cada palavra que ele diz.

— Tenho uma adivinha para ti, miúdo, estás preparado? — pergunta o Harvey, assim que consegue entrar. Ele tem sempre adivinhas para contar. — O que obténs se cruzares uma galinha com um lobo?

— O quê?

— Só um lobo. A galinha não teve a menor hipótese!

Nem sequer tem piada. Digo isto ao Harvey, mas ele está demasiado ocupado a rir-se.

Pousa a piscina no chão e mesmo sem uma sombra para a manter fresca, os meus pés ficam entusiasmados só de pensar na água que a vai encher.

— Hoje é dia de mangueira — anuncia o Harvey. — Nem quero saber no que os outros dizem. Quando a temperatura chega aos 48 graus, podes crer que vou usar a mangueira para encher esta piscina até cima.

Os outros Uniformes não gostam que o Harvey traga a piscina. Dizem que é um desperdício de água. Da última vez que ele encheu a piscina com a mangueira, desligaram a água, que só voltou quando o camião regressou, três dias depois, por isso o Harvey deve saber que eles têm razão.

Perguntei-lhe se a água ia faltar outra vez, mas ele encolheu os ombros e disse:

— Agora já é tarde demais Subhi, a piscina já está meio cheia. E qual é o problema? Não queres dar um mergulho?

Não lhe digo que preferia ter sanitas com descargas, nem que amanhã é o meu dia de tomar duche, coisa que não posso fazer se não houver água. Não digo nada disto porque a minha pele já tem urticária, tal é a vontade que sinto de saltar para a piscina de água fresca. Ao ouvir a água a correr fico ainda com mais sede do que antes, apesar de saber que não posso beber nem uma gota, porque a água do reservatório nos deixa doentes.

Mas o Harvey pensa sempre em tudo e ao ver a minha expressão aponta para o saco, cheio até cima com garrafas de água. Ele é assim, espetacular. Certifico-me de que não bebo demasiado, para haver o suficiente para todos.

Os miúdos aparecem a correr vindos do nada ao ouvirem o som da água na piscina. Quando fica finalmente cheia já somos talvez 14 miúdos a tentar arranjar um espacinho antes de a água ficar quente como o solo. Os nossos pés debatem-se para arranjar lugar na água fresca, fazendo-a salpicar para fora e transformando o chão de terra em lama. Até a Queeny aqui está, a salpicar o rosto com água fria. Tento ajudá-la, mas a única coisa que recebo em troca é um murro no braço.

— Aqui está, meninos, o vosso próprio mar. Não vão muito para o fundo. — O Harvey aponta a mangueira para o céu e as últimas gotas de água caem sobre nós como um formigueiro agradável na pele.

Já vi fotografias do mar em livros e revistas que de vez em quando aparecem na Sala de Atividades. Nas fotografias o sol nunca está zangado, parece suave e morno, a brilhar sobre a água. A Queeny diz que quando se mergulha para o fundo do mar se conseguem ver peixes, tartarugas, raias e flores



marinhas com toda a clareza, e que se nos deitarmos de costas em cima da água e a deixarmos levar-nos não nos afundamos nem um bocadinho. O mar levanta-nos suavemente.

Nalguns dias, se o vento soprar vindo da direção certa, consigo sentir o aroma suave do mar de verdade. Depois, se fechar os olhos e apagar toda a gente que está à minha volta, se concentrar todo o meu pensamento na água a bater-me nos pés, sinto-me lá por um segundo, com o mar a ir e vir contra o meu corpo, num movimento interminável; e eu ali a inspirar o vento até ao fundo de mim, enquanto espero que a água molhe o meu corpo inteiro de uma vez e não apenas gota a gota.

De qualquer maneira, hoje não há vento. Só está calor.

O Harvey vai ao seu saco e tira alguns brinquedos para colocar na piscina. Tem alguns copos com buraquinhos no fundo que pingam água e fazem padrões sobre a terra e um moinho de água para os mais pequeninos.

Também tem um pato de borracha.

O Harvey atira o pato de borracha para a água, que já está vermelha da terra e a ficar cada vez mais quente. O pato parece não se importar, apesar de continuar a ser pisado para baixo de água e pontapeado. O pato continua a subir à superfície, sempre com um sorriso no bico.

Sei algumas coisas sobre patos. O Harvey ensinou-me. Sei que as penas junto à pele dos patos ficam sempre secas, mesmo quando mergulham o mais profundamente que são capazes. Sei que as patas dos patos não têm nervos, por isso nunca ficam com frio nas patas. Sei que um pato macho se chama um marreco e que há alguns patos por aí a grasnar que são mais velhos do que eu. Os patos podem viver até 12 anos, o que se pensarmos bem é bastante bom.

Até sei uma adivinha de patos. Cinco patos e cinco patas, quantas patas são? Bem, acho que é mais um enigma do que uma adivinha.

O pato de plástico que o Harvey pôs na piscina tem cabelo preto, um bigode e uma barba minúscula em forma de triângulo. Traz um casaco azul vestido e debaixo da asa tem um pedaço de papel que diz: *Grasnar ou não grasnar, eis a questão.*

— Este pato é o quê? — pergunta a Queeny, pegando nele e examinando-o muito de perto, como se estivesse a tentar perceber alguma coisa difícil.

— É um pato Shakespeare — diz o Harvey, com um sorriso. Acho que ele acha isto engraçado, mas nenhum de nós percebe bem porquê. — Escreveu muitas peças, é famoso.

A Queeny olha para o Harvey com a mesma expressão com que olhou para o pato e ele para de falar.

— A água está demasiado quente. Nem sei porque se dá ao trabalho. — A Queeny atira o pato, que guincha quando me bate na cabeça, e depois vai-se embora antes que possa perguntar-lhe sequer o que é uma peça.

Olho para o pato. Por um instante acho que me acena ligeiramente com a sua cabeça de pato e me pisca o olho.

— Oh, olá — diz o pato.

— O que é uma peça, Harvey?

Mas o Harvey não está a ouvir-me. Foi até aos mais idosos que estão sentados nas cadeiras de plástico. As cadeiras ficam tão quentes e pegajosas por estarem ao sol que sempre que um dos mais idosos se mexe, as pernas das cadeiras parecem as tiras de velcro das tendas. O Harvey diz-lhes para irem para dentro. Diz-lhes que o sol hoje está a queimar muito e que não há protetor solar para impedir que a pele deles fique como lixa de papel. Mas os idosos não lhe ligam nenhuma.



Continuam a agitar o ar em frente ao rosto como se o Harvey fosse só mais uma das moscas chatas que nos pousam nos olhos e nos ouvidos, recusando-se a deixar-nos em paz. Fazem de conta que não entendem o que ele lhes diz, apesar de alguns terem um inglês tão bom como o do Harvey. E quando o pato Shakespeare decidir que afinal não gosta assim tanto de viver com o Harvey e que prefere vir viver comigo, sei que ele nem sequer vai reparar. A piscina não é famosa para refrescar, com tanta gente a acotovelar-se para se molhar. A única coisa que fica completamente molhada são os nossos pés e depois os mais pequenos começam a resmungar e a empurrar-nos até sairmos da frente deles. Mas só ter aquela água para chapinhar e salpicar a cabeça ou as costas já nos refresca o suficiente para pôr o cérebro a funcionar como deve ser.

Espero durante muito tempo, até mesmo antes do almoço quando todos já se foram embora, ainda a resmungar por causa do calor, e enfio a cabeça completamente debaixo de água. Não importa que ali não se vejam peixes, tartarugas, raias ou flores marinhas, nem que a água já esteja quente e cheia de terra; continua a ser maravilhoso.

Quando enfio a cabeça debaixo de água, o mundo inteiro fica parado. A terra deixa de girar, o vento para de soprar, os pássaros ficam petrificados nas árvores e os que voam no céu caem para o chão como pedras. Ainda os aviso antes, para eles saberem o que vai acontecer e poderem encontrar um ramo onde pousar.

Debaixo de água tudo está silencioso e quieto e o meu cérebro também para com o resto do mundo. Sustenho a respiração tanto tempo quanto consigo e tento não me sentir demasiado culpado por causa dos pássaros que não conseguiram encontrar um lugar onde pousar a tempo.

Acho que o que aconteceu a seguir foi por eu ter estado debaixo de água. Presumo que os pássaros já estavam fartos. Porque quando regresso à Familiar Três, lá está ele, à minha espera. E apesar de estarem ali uma série de miúdos, ninguém fez um pio. Ficámos todos muito quietos, tão quietos como o mundo quando estou debaixo de água, todos a olhar para a minha cama.

Um pardal. Verdade, verdadinha. Pousado no cimo da cama, mesmo onde costumo deitar a cabeça, por isso sei perfeitamente que estava ali para falar comigo e não com a Queeny. O pardal não parecia nem um pouco incomodado com a quantidade de miúdos que o fitavam.

O pardal olha para mim. Olha para mim e sinto a boca a ficar tão seca como de manhã, antes de beber água de uma das garrafas do Harvey; sinto o calor a rastejar pelo meu corpo e subitamente fico alagado em suor. O pássaro assobia. Faz um único chilreio. Depois voa por cima da minha cabeça e sai da tenda.

Quando toda a gente sossega e prossegue com os seus afazeres, a Queeny diz-me:

— Sabes o que isto significa, não sabes? Um pardal dentro de casa?

Abano a cabeça, sem querer saber o que a Queeny está prestes a contar-me porque consigo ver que não está a brincar.

Puxa-me para junto de si e abraça-me com força como não me abraçava desde que eu era pequenino; só por isto fico mais assustado do que nunca. O murmúrio da minha irmã no meu ouvido trespassa o calor do dia.

— Subhi, um pardal dentro de casa é um sinal de morte que se aproxima.



AS HISTÓRIAS NÃO PODEM SER APRISIONADAS

Subhi é um rapaz cheio de sonhos. Desde que nasceu, vive com a mãe e a irmã num campo de detenção permanente de refugiados. Nunca conheceu nada para lá das cercas e das tendas de lona, mas a sua imaginação não tem limites.

Todas as noites, Subhi ouve o longínquo canto das baleias e escuta o que os pássaros vêm sussurrar-lhe ao ouvido. As histórias que ouve, que lê e que conta tornam-se o centro da sua vida.

Até que, um dia, Subhi conhece Jimmie, uma menina que vive do lado de lá da cerca de arame. Ela traz consigo um caderno escrito pela sua mãe, já falecida. Mas Jimmie não conhece as letras e é Subhi que lhe lê as histórias daquele livro tão especial e mágico.

Cada conto dá lugar a uma revelação. Cada revelação dá lugar a novas histórias contadas dos dois lados da cerca. Pelo caminho, uma amizade profunda vai crescendo, trazendo consigo o conforto e a coragem de que Subhi e Jimmie vão precisar até conquistarem, finalmente, a liberdade.

«Desafio-vos a lê-lo!»

The Independent

«Um estrondoso romance sobre
a força transformadora das histórias.»

Publishers Weekly

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-38-8



9 789898 869388

Literatura Traduzida